

IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

NHEENGAÍBA-VODUM - GRIÔ¹ POÉTICO NA CONFLUÊNCIA DO INDÍGENA E QUILOMBOLA HABITANTES DAS MARGENS DO RIO MARAJÓ-AÇÚ AO RIO ARARI EM PONTA DE PEDRAS NA ILHA DO MARAJÓ – PARÁ.

TAVARES, Roseane Moraes²
UFPA

Introdução:

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapiri, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para muito longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficis, que transformarão a floresta num caos. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.

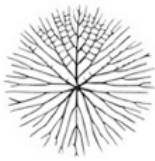
A natureza desta investigação entende a pesquisa como invenção e seu problema um processo de criação. “Conhecer é, portanto, fazer, criar uma realidade de si e do mundo” (CESARINO, 2011), pôr em prática o conhecimento na criação de um mundo significativo, um saber-fazer na aliança entre conceito e ação. A poética que estou propondo como tese-criação, envolve a fabulação do eu enunciador, da natureza das sensações, emoções, percepções e sentimentos de seus conteúdos, da subjetividade dos pontos de vistas, e das perspectivas e agências próprias dos objetos de que fala.

Quero dizer com isso que a busca por dados, pistas e caminhos metodológicos pressupõe uma gênese comum que prescinde a dualidade sujeito e objeto, corpo e alma, vida e morte. E por isso mesmo, o cultivo de todo material elaborado em campo, sala de trabalho e círculos mágicos, terá como fonte de investigação o testemunho de múltiplas formas de agências compostas por pessoas vivas e mortas, rios, matas e animais que recortam o território existencial desta pesquisa com a ilha do Marajó em Ponta de Pedras – PA.

Como instaurar um griô poético-político-espiritual maquinado com material coletivizado em campo o testemunho de diferentes modos de existência (animais, matas, rios e ancestrais vivos e mortos com relação de parentesco matrilinear) habitantes de uma

¹ O termo Griô é universalizante, porque ele é um abasileiramento do termo Griot, que por sua vez define um arcabouço imenso do universo da tradição oral africana. É uma corruptela da palavra “Creole”, ou seja, Crioulo a língua geral dos negros na diáspora africana.

² Doutoranda em Artes, professora e atriz.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

comunidade quilombola e outra indígena situadas às margens do Rio Marajó-Açu ao Arari, em Ponta de Pedras, na Ilha do Marajó?

Metodologia

O Plano de Composição instaurado nesta poética, em tempos de extermínio de nossas florestas, rios e guardiões – e todos os seus modos de existência – é o retorno ao útero dos ancestrais que, tornou-se uma prerrogativa indispensável para que o planeta seja capaz de professar um giro ontológico que resista às políticas predatórias e colonizadoras que há séculos vem nos destruindo. É necessário desaprender para aprender de novo, e por isso o trabalho de campo é fundamental neste processo criacional. Colocar-se num lugar de escuta e buscar uma atitude que problematize os espaços do pensamento e do corpo colonizado.

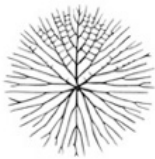
Por meio de imagens forças encontradas nas comunidades Tartarugueiro e Vila Nova em Ponta de Pedras – Marajó, espera-se ouvir as composições que os rios, matas e entes da floresta, querem dizer. No encontro com essas comunidades entre o quilombo e a aldeia, traço cartografias dos rios que trazem a materialidade para o trabalho criativo. Um transito afro-indígena, particular de nossas terras marajoaras, apresentando assim cartas de alforria de meus familiares do período da libertação dos escravos, cartografias poéticas e afetivas de nossas terras ancestrais que lideravam essas áreas, na fricção entre familiares aristocratas e familiares indígenas que compõem minha história que também é a história do Brasil.

Neste processo criativo instauro a poética dos elementares ao pensar a pesquisa artística a partir dos elementos ar, fogo, terra e água. Utilizo também os caminhos dos círculos mágicos que compõem giros teóricos e práticos de decomposição e decantação de sistemas poéticos instaurados nas cenas-experiências.

Pensando também o transito entre as categorias sacrifício, profanação, fraturas e fronteiras que permeiam uma literatura antropológica sobre este tema onde aproximam trabalhos Marcel Mauss e Henri Hubert (2008).

Resultados e discussão

Cartografar - em mapas poéticos - as referências bibliográficas de estudos voltados para as ocupações dos povos indígenas e negros escravizados no Marajó, identificando as etnias que povoaram os territórios do Município de Ponta de Pedras – Marajó - Pará. Identificar nessa pesquisa bibliográfica o lugar de fala desses autores e, a partir deste processo, dar visibilidade para uma rede de pesquisadores marajoaras, cujas vozes comporão o referencial teórico de primeira grandeza desta tese-criação. Habitar o território de origem de minhas ancestrais indígenas e negras escravas, buscando a voz e vivência coletivizada com as respectivas comunidades, através dos estudos arqueológicos e bioéticos de suas terras e paisagens. Ouvir, transver e fabular o testemunho de meus parentes maternos - vivos e mortos - e dos Rios Marajó-Açu e



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

Arari com suas matas e animais, através de visitas, vivências e “prosas” partilhadas com os primeiros e, para comunicação com os “incomunicáveis”, memórias, sonhos, rituais xamânicos e batuque, com ou sem ingestão de substâncias enteógenas soprocantadas, capazes de acessar, dentro de um contexto ritualístico, o contato com a dimensão do inconsciente, o astral e outras realidades cósmicas. Corpografar as experiências vivenciadas para criação de indutores poéticos que servirão de matéria expressiva para a composição dos experimentos artísticos. Maquinar os experimentos artísticos para instauração de um Griô Poético-Político-Espiritual, a ser apresentado como tese-criação de doutoramento, e realizar defesa pública acompanhada de um memorial de pesquisa.

Conclusões

Cada griô poético, portanto, compreenderá uma etapa nesse meu processo de iniciação como artista-xamã. E, nesse sentido, cada um deles será regido por campos de forças e elementos próprios, que o colocam um dentro do outro, ao mesmo tempo em que possuem uma autonomia poética dentro desse mesmo sistema, não seguindo uma lógica temporal linear, hierárquica e tampouco cronológica. As quatro etapas de criação acontecerão de forma concomitante, seguindo o fluxo e implicação desta pesquisa. Sendo assim, os indutores artísticos são pontos de partida desta pesquisa, metodologicamente separados para fins de compreensão e sistematização do processo de expressividade, podendo, no decorrer e continuidade desta pesquisa, que já se iniciou, serem modificados, subvertidos e alterados em relação a si mesmo ou em relação ao seu lugar de devaneio e fabulação no espaço-tempo desta narrativa poética.

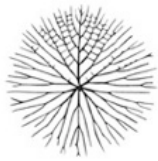
Palavras-Chave: Griô Poético, Nheengaíba-Vodum, Ponta de Pedras - Marajó

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Eleonora da Silva. Senzala na origem: a escravidão em Ponta de Pedras do século XIX período de 1859 a 1888. Monografia defendida em 2009 pela Faculdade de História e Cartografia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

AZEVEDO, João Lúcio. Os jesuítas no Grão Pará: suas missões e a colonização. Bosqueiro histórico com vários documentos inéditos. Belém: Secult, 1999.

BATISTA, Karina Nunes; NOGUEIRA, Antônia Fernando de Souza. Povos indígenas do Marajó: Os Anajás. ANAIS DO III COLÓQUIO DE LETRAS DA FALE/CUMB, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 10 e 20 de fevereiro de 2016. ISSN 2358-1131.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

BEZERRA, Neto, Escravidão no Grão-Pará (século XVII – XIX) Editora Paka – Tatu. Ano 2001 p. 75.

CABRAL, Rafael. Teia de Pykatôti: um estudo da corpografia mēbêngôkré do Rio Fresco na Amazônia Brasileira.

Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Pará, 2015.

CARLOS, Fausto. Inimigos fiéis: História, Guerra e Xamanismo na Amazônia. 1ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

CESARINO, Pedro de Niemeyer. Oniska: poética do xamanismo na Amazônia. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2011.

JODOROWSKI, Alejandro. Psicomagia. Tradução: Sueli Farah. São Paulo: Devir, 2009.

KASTRUP, Virgínia. A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.